

Macedo escapou da morte

Jornalista conta como ocorreu o atentado ao indigenista

ANTÔNIO MACEDO

Mais uma vez Antonio Macedo escapa da morte. Pra quem não conhece, Antonio Macedo é o coordenador do Conselho Nacional dos Seringueiros no vale do rio Juruá. Desde os tempos em que trabalhava na Funai e na Comissão Pró-Índio do Acre, Macedo tem percorrido os rios e aldeias de todo o Estado, explicando os direitos das populações indígenas, organizando cooperativas e associações. Todo mundo pode imaginar como esse trabalho encontra inimigos facilmente. Nessa terra dominada por antigos e novos patrões, por governos corruptos e incompetentes, o trabalho de Macedo, assim como o de Chico Mendes, é feito sob constante perseguição.

Aliás, foi o Chico Mendes quem convidou Macedo para organizar o Conselho de Seringueiros no Juruá. Desde então, Macedo tem procurado organizar todas as comunidades da região, especialmente os habitantes da Reserva Extrativista do Alto Juruá. Essa Reserva precisa ser regularizada com urgência pois já está se esgotando o prazo legal de validade da sua decretação, que foi feita ainda no Governo Sarney.

Na semana passada, Macedo subiu o Juruá rumo à Reserva, com uma equipe para fazer o cadastramento de todos os moradores da área. Faço parte dessa equipe, junto com antropólogos (entre eles Terri Aquino), sociólogos, assessores do Conselho, gente experiente que já conhece a área e pode fazer o trabalho em tempo hábil para a regularização definitiva da Reserva. Essa equipe é paga por um convênio do IBAMA com a Associação dos Seringueiros do Alto Juruá.

Quando passávamos pela Vila Thaumaturgo, paramos para fazer compras. Ao sair do comércio, descuidadamente cumprimentando as pessoas, Macedo foi atingido por um murro no rosto. O agressor, um sujeito forte e grandalhão, puxou um revólver da cintura e, antes que Macedo se recuperasse, apertou o gatilho duas ou três vezes. A arma falhou e a única explicação que

tenho para isto, desculpem os materialistas, é a intervenção divina. Diante da arma, Macedo recuou novamente para dentro da mercearia/bar de onde estava saindo. Juntou gente. A turma do deixa-disso tentava conter o sujeito, que queria entrar no estabelecimento com a arma na mão. Um sujeito alto e magro, mais tarde identificado como soldado Onofre, da PM, tirou a arma das mãos do agressor. Um segundo paisano, que mais tarde encontramos também fardado de PM, guardou a arma após retirar as balas. Vi de perto, o tambor estava cheio: seis balas, exatamente.

Quem é o sujeito que quis matar Antonio Macedo? O cara chama-se William e é filho de um tal Nanci, que mora no rio Amônia, dentro da reserva dos índios Kampa. No tempo em que Macedo estava na Funai, a Polícia Federal descobriu um laboratório de fabricar cocaína e uma plantação de coca perto da casa desse tal Nanci. Há poucos dias o índio Kampa Moisés Pianco, filho do curaca (cacique) Antônio Pianco, denunciou em Brasília que a área continuava servindo de rota para a entrada da cocaína no Brasil. Escrevi no dia em que está marcada a chegada de uma comissão da Funai e da Polícia Federal na área, para averiguar as denúncias. Ao que tudo indica, o tal William é uma espécie do comitê de recepção instalado na Vila Thaumaturgo. Ele acha que o Macedo é responsável pelas denúncias contra seu pai. Provavelmente instigado por "conselheiros" influentes na região, resolveu matar o Macedo. Ele deve estar tranquilo quanto a possíveis punições. Afinal, é sobrinho do delegado da Vila e deve ter também apoio de certas fortunas bem conhecidas de Cruzeiro do Sul, que o povo diz terem sido construídas pela coca.

A confusão não se encerrou com a agressão. Fomos dar queixa na PM, já que o delegado não estava na Vila. No quartel, ficou evidente a amizade dos soldados com o agressor, para o qual arranjaram até testemunhas que afirmaram ter visto Macedo com uma faca na mão. Como a tal faca não apareceu, precisavam



Macedo é coordenador do Conselho Nacional dos Seringueiros

arranjar alguma. O cinegrafista Jorge Nazaré, que faz a documentação da viagem, portava uma peixeira embainhada na cintura, instrumento bastante necessário para quem viaja pescando mandins pelo rio, como estamos fazendo. A faca foi apreendida quando Jorge entrou no quartel da PM com uma câmara, tentando gravar parte do conflito. O cabo que comanda o destacamento prometeu que devolveria a faca no barco, quando fôssemos seguir viagem. Como não apareceu, fui buscar a faca.

Durante o registro da queixa, escrevi meu depoimento como

testemunha. Nele fiz constar o estado de embriaguês do soldado Onofre que, embora tivesse tido boa atuação tomando a arma do agressor mesmo estando à paisana, não me pareceu em condições de testemunhar, como estava tentando fazer, em defesa do agressor. Ele não gostou do meu depoimento. Entramos em discussão. Eu exigia que a faca fosse devolvida, pois temia que fosse apresentada posteriormente como prova contra Macedo. Falei que levaria a faca ou ficaria preso. O soldado, quis engrossar. Falei alto, exigindo respeito. Outro soldado pegou um

cassetete e quis me retirar do quartel. Recusei-me a sair sem levar a faca, que é de minha propriedade e necessária para andar na mata e nos rios. Levei um bofetão do soldado Onofre que quase me quebra os dentes. Deilhe outro, mas fui imediatamente agarrado por outro soldado e levado para a cozinha do quartel. Lá, conversando mais calmamente, consegui recuperar a faca assinando um termo de compromisso para apresentá-la novamente quando retornar da viagem. Já era noite. Subimos o rio sob o foco de lanternas, topando nos paus e encalhando na areia até a Foz do Tejo.

LIÇÕES DO CONFLITO:

1) Existem culpados individuais, especialmente o cara que tentou matar o Macedo, mas o principal não é isso. A verdade é que a justiça nessa região ainda é a justiça dos patrões. Existe todo um sistema de proteção, de corrupção, de politicagem e de dinheiro que faz funcionar uma máquina onde o seringueiro, o índio e seus aliados são perseguidos e ameaçados. Não tenho dúvidas de que essa agressão vai ficar impune, como outras já ficaram. Esses valentões vão continuar andando por aí, dispostos a vender seu gatilho ao primeiro patrão que quiser contratar para matar algum desafeto.

2) A polícia é despreparada. Não acuso ninguém, nem mesmo o soldado que se alterou comigo, pois são uns pobres coitados que ganham mal e são transferidos para um local distante onde não existe juiz, nem advogado, nem outro poder além da força dos patrões que casam e batizam, fazem e desfazem. Para se ter uma idéia, no "quartel" da PM não existe nem mesmo uma cela para prender um criminoso. Quando saí de Rio Branco, um sargento havia sido preso por escrever uma poesia contra os baixos soldos e contra a decisão do governo estadual de reprimir a insatisfação da tropa. Essa gente não tem condições de garantir nem mesmo a segurança de suas famílias, quanto mais a da sociedade.

3) É urgente a demarcação da área indígena Kampa e o apoio à comunidade do rio Amônia. Existe uma tese de que área indígena em fronteira prejudica a segurança nacional. É falsa. Foram os próprios índios que denunciaram o tráfico de cocaína em seu território. Se a área fosse desabitada, se estivesse sobre a guarda do IBAMA ou qualquer outro órgão federal, não haveria fiscais suficientes para protegê-la. Mais uma vez fica provado que os índios e os seringueiros são os protetores naturais das nossas fronteiras.

Finalmente quero dizer o seguinte: Macedo, embora com um olho roxo e os óculos quebrados, vai descer o Juruá para denunciar o atentado, em seguida, vai subir o rio Tejo para fazer o cadastramento dos moradores da Reserva. Nós estamos subindo. Enviamos uma mensagem para a Polícia Militar de Cruzeiro do Sul, pedindo proteção na viagem de volta. Queremos que uma equipe de segurança esteja daqui a um mês na Foz do Tejo, nos esperando. Somos cidadãos brasileiros, temos direito a isso.

Quando retornar, quero descer novamente na Vila Thaumaturgo. Quero tomar um guaraná Nauense no mesmo bar onde Macedo foi tocado. Em seguida subirei até o quartel para mostrar à PM a faca peixeira que, espero, permaneça comigo pois da Vila até a cidade quero ainda abrir o bucho de muitos mandis, com os quais se faz a melhor caldeirada. Não usamos armas, só temos a proteção da Rainha da Floresta. Com a permissão dela, queremos subir os rios e percorrer os varadouros, fazendo um trabalho que é importante para garantir os direitos do povo pobre deste Estado. Com essa proteção e essa permissão, tenho certeza de que venceremos tudo, embora possamos tomar uns sopapos aqui e acolá. Mas isso acontece com quem anda nos caminhos do mundo terra.

Nós vamos em frente. Quem não quiser ajudar é melhor arrear o pé e não ficar no nosso caminho. (Toinho Alves)